



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO



CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO
DE GEOGRAFIA EM REDE

FLÁVIA ALVES DE FREITAS OLIVEIRA

**GEOGRAFIA, LUGAR E FORMAÇÃO DISCENTE NO 6º ANO DA EMEF JOSÉ
PEDRO DA SILVA**

Recife

2025

FLÁVIA ALVES DE FREITAS OLIVEIRA

**GEOGRAFIA, LUGAR E FORMAÇÃO DISCENTE NO 6º ANO DA EMEF JOSÉ
PEDRO DA SILVA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientador: Prof^o. Dr. Alcindo José de Sá

Recife

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Oliveira, Flávia Alves de Freitas.

Geografia, lugar e formação discente no 6º ano da EMEF José Pedro da Silva / Flávia Alves de Freitas Oliveira. - Recife, 2025.

47f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de Geografia em Rede, 2025.

Orientação: Alcindo José de Sá.

Inclui referências.

1. Espaço geográfico; 2. Ensino contextualizado; 3. Aprendizagem. I. Sá, Alcindo José de. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

FLÁVIA ALVES DE FREITAS OLIVEIRA

GEOGRAFIA, LUGAR E FORMAÇÃO DISCENTE NO 6º ANO DA EMEF JOSÉ PEDRO DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Geografia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Alcindo José de Sá (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº Dr. Lucas Costa de Souza Cavalcanti (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº Drª Maria Francinéila Pinheiro dos Santos (Examinadora Interno)
Universidade Federal de Alagoas

Ao meu esposo Jorge Campos, pelo companheirismo e incentivo que sempre me deu em todos os momentos.

Minha filha Joray, sempre muito compreensiva nas minhas ausências e acreditar que tudo daria certo.

Dedico

AGRADECIMENTO

A Deus que me permitiu viver tudo isso, sem Ele nada disso seria possível. Agradeço aos meus pais pela formação do meu caráter, da personalidade dessa pessoa que hoje me tornei, por terem me ensinado a lutar pelo que desejo e sempre buscar o melhor para minha vida.

A minha família pela compreensão da minha ausência, dedicada aos estudos para a conclusão deste curso que sempre foi um sonho meu.

Aos meus amigos, por compreenderem cada “não”, que eu precisei dizer, por conta do período dedicado às atividades do curso.

Ao meu orientador professor Dr.º Alcindo José de Sá, por todas as palavras de incentivo e confiança em mim, desde o nosso primeiro diálogo, pelas orientações e mansidão ao me responder quando eu estava muito ansiosa. Sua mansidão me tranquilizava sempre!

Ao professor Dr.º Lucas Cavalcanti, que sempre foi muito solícito, respondendo minhas dúvidas e sempre pronto para contribuir.

Aos professores Doutores: Simone Cardoso, Priscylla Menezes, Francineila Pinheiro, Francisco Kennedy, Osvaldo Girão, e todos que contribuíram nesta etapa de formação, pelo carinho, dedicação e conhecimentos compartilhados conosco.

Aos meus colegas e amigos da turma 2022, em especial Tiago, Adijane e Maressa, com quem compartilhava constantemente minhas angústias e desesperos.

“É pensando criticamente a prática de hoje e de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p.39).

RESUMO

Estudar o espaço geográfico é algo de grande relevância na vida dos seres humanos, pois como nos alerta P. George (1987) é através do homem na terra, que a Geografia imbuí-se de ação. Portanto, na medida em que a sociedade vai evoluindo, junto com ela precisa-se acompanhar e conhecer o espaço territorialmente moldado, com vistas a saber como agir de maneira consciente, crítica e autônoma. O presente estudo objetivou investigar como os professores de geografia trabalham o conteúdo do Espaço Geográfico, nas suas aulas, muito além do conhecimento prévio estabelecido nos livros didáticos, ou seja, abarcando os exemplos do cotidiano dos alunos nas turmas do 6º ano da Escola José Pedro da Silva. Entendemos que valorizar o conhecimento prévio do aluno é fator estimulante de novas descobertas sobre a sua própria existência, bem como do seu entorno espacial, particularmente do lugar em que ele vive, aspecto que pode tornar as aulas de Geografia ainda mais profícuas. Conclui-se, então, que as aulas expositivas embasadas nos livros didáticos, o aporte de reflexões sobre as temáticas, juntamente com as vivências dos alunos no contexto dos seus lugares de vida, pode fomentar maior interesse dos alunos pela disciplina e criar, desde já, um espírito de cidadania. Para tanto, foi pertinente a feitura de uma sequência didática, com atividades que foram realizadas na referida unidade de ensino, no bairro São Miguel, mesclando ensino, experiência de vida e aprendizado, Esse produto servirá de apoio para auxiliar vários professores no momento do seu planejamento de aula sobre o espaço Geográfico e Lugar como uma estratégia de formar nossos alunos para atuar no cenário atual de forma autêntica e eficaz.

Palavras-chave: Espaço Geográfico. Ensino Contextualizado. Aprendizagem.

SUMMARY

Studying the geographic space is of great relevance in the life of human beings, as P. George (1987) warns us, it is through man on earth that Geography is imbued with action. Therefore, as society evolves, it is essential to keep up with and understand the territory that has been shaped, aiming to know how to act in a conscious, critical, and autonomous manner. The present study aimed to investigate how geography teachers work with the content of Geographic Space in their classes, going beyond the prior knowledge established in textbooks, that is, encompassing examples from the everyday lives of students in the 6th grade at José Pedro da Silva School. We understand that valuing the student's prior knowledge is a stimulating factor for new discoveries about their own existence, as well as their spatial surroundings, particularly the place where they live, an aspect that can make Geography classes even more fruitful. It is concluded that expository lessons based on textbooks, the introduction of reflections on the themes, together with the students' experiences in the context of their living places, can foster greater interest among students in the subject and create, from now on, a spirit of citizenship. Therefore, it was relevant to create a didactic sequence, with activities that were carried out in the aforementioned teaching unit, in the São Miguel neighborhood, blending teaching, life experience, and learning. This product will serve as support to assist several teachers in their lesson planning on Geographical Space and Place as a strategy to prepare our students to act in the current scenario in an authentic and effective way.

Keywords: Geographical Space. Contextualized Teaching. Learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa da localização do município de Vargem Grande	30
Figura 2	Mapa de localização da escola no Bairro São Miguel	31
Figura 3	Modelo do planejamento da rede de ensino do município.	33
Figura 4	Escrita do poema por um dos alunos 6° ano	36
Figura 5	Mosaico do conhecimento	37
Figura 6	Alunos analisando o espaço em frente a escola	37
Figura 7	Atividade desenho de algo que tivesse chamado atenção	38
Figura 8	Atividade desenho de algo que tivesse chamado atenção	38
Figura 9	Imagem do Residencial São Miguel	40
Figura 10	Imagem do Residencial São Miguel	40
Figura 11	Alunos analisando as imagens das mudanças ocorridas	41
Figura 12	Alunos analisando as imagens das mudanças ocorridas	41
Figura 13	Respostas da atividade de forma escrita	42
Figura 14	Respostas da atividade de forma escrita	42
Figura 15	Respostas da atividade de forma desenhada	42
Figura 16	Respostas da atividade de forma desenhada	42
Figura 17	Respostas dos alunos sobre os conceitos geográficos	43
Figura 18	Alunos se ajudando na realização da atividade	43
Figura 19	Imagem da representação do lugar preferido do aluno	44
Figura 20	Imagem da representação do lugar preferido do aluno	44

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
GLJ	Grupo Luz da Juventude
USP	Universidade de São Paulo
PCN's	Parametros Curriculares Nacionais
PROFEBPAR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica

SUMÁRIO

1	Introdução	12
2	Caracterização e delimitação do Problema	13
3	Objetivos	14
3.1	Objetivo Geral	15
3.2	Objetivos Específicos	15
4	Metodologia	18
5	Conceituando Geografia	18
6	Base Nacional Comum Curricular e Geografia	21
7	Características do Campo de Pesquisa	27
7.1	Atividades de Intervenção	30
	Considerações Finais	45
	Referências	47

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, as rápidas transformações no mundo social e o avanço das tecnologias de informação e comunicação incidem com bastante força na vida cotidiana e trazem reflexos muito fortes para a escola. Isso faz com que a cada dia se exija mais conhecimentos para que o ser humano consiga interagir em seu meio sociocultural. Vive-se um tempo em que o saber não mais equivale simplesmente a conhecer, mas também a compreender para contextualizar e, a partir daí, conseguir situar-se social e historicamente. Este fato amplia as demandas apresentadas à escola e, mais especificamente, ao professor nas mais diversas áreas e componentes curriculares.

Nessa perspectiva, este trabalho de pesquisa é considerado de grande relevância para a prática docente em todas as áreas do conhecimento, mas diante da impossibilidade de realizar algo com tamanha dimensão, delimita a atenção na formação do professor de geografia, bem como seu reatamento na formação discente. Três motivos embasam esta delimitação: (i) por ser esta uma das minhas áreas de atuação; (ii) por considerar que o professor de geografia exerce grande relevância na formação sociocultural dos alunos, pois a área favorece uma compreensão ampla do espaço e das constituições sociais e, por isso, o docente deve levar em conta as transformações pela qual o mundo tem passado. Transformações essas que são econômicas, políticas, sociais, espaciais, éticas; provocam alterações no que diz respeito ao mundo do trabalho, a formação do professor e afetam sua identidade profissional e atuação nas escolas; (iii) por ser uma área ainda pouco investigada no que tange à relação entre formação acadêmica e prática docente, intermediada pela criação e uso de uma sequência didática (caminho suave de ensino/aprendizado), que releva a importância do componente socioespacial, mais especificamente, o conteúdo do espaço geográfico com vistas a formação de um território cidadão.

Ao destacar o espaço geográfico como conteúdo de ensino e aprendizagem nas aulas de geografia, parte-se do pressuposto de que é importante ao educando compreender todos os espaços em que ele está inserido como espaços geográficos, sejam eles formados ou não pela intervenção humana. O conhecimento acerca do espaço geográfico favorece que o educando compreenda a sua realidade e, a partir daí, possa intervir em seu meio. Questões como migração e êxodo, modificações na paisagem, enchentes e secas, mudanças climáticas e danos ambientais são mais

bem compreendidas quando se estabelece um diálogo com este conceito. “Na geografia os conceitos mais fundamentais como os quais se estrutura a explicação de diversos fenômenos e fatos, são: espaço geográfico, lugar, paisagem, território e região” (BRASIL, 2009, p. 09).

Um levantamento de dados feito por mim no site do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) favoreceu a percepção de que há grupos de pesquisa voltados para a relação entre o espaço geográfico e o processo de ensino e aprendizagem, todavia dentre esses grupos não se observou a presença de pesquisadores maranhenses e, nem tão pouco, que tenham pensado na ideia de articular uma sequência didática com sugestões de contextualizações dos conceitos com o bairro do qual a escola faz parte. O que reitera, mais uma vez, a necessidade de se observar como este conceito é evidenciado na sala de aula e se sua abordagem favorece a contextualização e o diálogo com a realidade sociocultural em que o aluno está inserido.

Assim, tem-se, através desta pesquisa, a oportunidade de tematizar um tratamento pedagógico dado a um dos temas de maior relevância na geografia (BRASIL, 2009) e, a partir de então, construir uma proposta de intervenção na realidade escolar que será uma sequência didática com a organização e mapeamento dos conteúdos a partir do cotidiano do aluno e poderá servir de apoio para os demais professores da rede municipal de ensino.

2. CARACTERIZAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

A pesquisa tem como tema Geografia, Lugar e Formação Discentes no 6º ano da EMEF José Pedro da Silva, o campo de pesquisa fica localizado na periferia do município de Vargem Grande, que tem sofrido grandes mudanças em seus aspectos geográficos, sociais, econômicos e culturais e contextualizar todos estes eventos em sala de aula é algo bastante delicado, muito embora pareça ser simples. Trabalhar os conceitos geográficos e contextualizar com o espaço vivido dos alunos em salas de aulas, talvez se tornem significativos e prazerosos, de forma a sensibilizá-los para agir de forma consciente e críticos nos diversos segmentos da sociedade.

Desta forma esta pesquisa objetivou investigar os seguintes questionamentos: (i) como ocorre a relação entre os pressupostos teóricos da área de geografia e a prática pedagógica dos professores do 6º ano da Escola José Pedro da Silva, quando o conteúdo abordado nas aulas é o espaço geográfico? (ii) quais as maiores

dificuldades encontradas pelos professores ao planejar e executar suas aulas, quando o conteúdo a ser abordado é o espaço geográfico? (iii) Quando o conteúdo abordado nas aulas de geografia é espaço geográfico, ocorre a contextualização deste conceito com o espaço habitado pelos alunos? (iv) Em que condições as experiências locais são consideradas na abordagem geográfica dos problemas socioespaciais?

Toma-se como objeto de pesquisa a prática docente do professor de geografia, através da qual, quiçá, seja possível produzir uma sequência didática que irá contribuir no ensino e aprendizagem dos alunos do sexto ano da referida unidade.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Investigar de que forma o professor licenciado em geografia trabalha com o conceito de espaço geográfico em suas aulas, tendo como público-alvo alunos do sexto ano do ensino fundamental.

3.2 Objetivos Específicos

Verificar como ocorre a relação entre os pressupostos teóricos da área de geografia e a prática pedagógica dos professores no 6º ano da Escola José Pedro da Silva, quando o conteúdo abordado nas aulas é o espaço geográfico.

Identificar as dificuldades encontradas pelos professores ao planejar e executar suas aulas, quando o conteúdo a ser abordado é o espaço geográfico.

Observar se, ao abordar, nas aulas de geografia, o conteúdo espaço geográfico, o professor consegue fazer a contextualização deste conceito com o espaço habitado pelos alunos.

Averiguar em que condições as experiências locais são consideradas na abordagem geográfica dos problemas socioespaciais, durante as aulas de geografia.

Apresentar uma sequência didática com aulas de Geografia abordando o conteúdo Espaço Geográfico.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Conforme já explicitado, a presente pesquisa, busca investigar a prática docente do professor de geografia, ao trabalhar com o conceito de espaço geográfico em suas aulas, tendo como público-alvo alunos do sexto ano do ensino fundamental.

Para tanto, buscou-se responder quatro questões exploratórias: (i) como ocorre a relação entre os pressupostos teóricos da área de geografia e a prática pedagógica dos professores do 6º ano da Escola José Pedro da Silva, quando o conteúdo abordado nas aulas é o espaço geográfico? (ii) quais as maiores dificuldades encontradas pelos professores ao planejar e executar suas aulas, quando o conteúdo a ser abordado é o espaço geográfico? (iii) Quando o conteúdo abordado nas aulas de geografia é espaço geográfico, ocorre a contextualização deste conceito com o espaço habitado pelos alunos? (iv) Em que condições as experiências locais são consideradas na abordagem geográfica dos problemas socioespaciais?

Respondendo às questões exploratórias desta pesquisa, foi possível perceber o trabalho voltado apenas para os conceitos expostos no livro didático sem contextualização com os saberes do aluno em relação ao seu cotidiano. Ao trabalhar o conteúdo espaço geográfico a aula se restringe as leituras dos textos seguidos de escrita no caderno da atividade do próprio livro. Em relação às maiores dificuldades encontradas, se vislumbrou uma carência de uma linguagem mais objetiva e clara, do tratado nos livros didáticos, carecendo de exemplos reais do dia a dia, e que pudessem garantir a compreensão ao invés de memorizar conceitos.

As experiências locais são consideradas apenas no aniversário da cidade que acontece no dia 29 de março, quando é dedicado um período de uma semana para trabalhar informações e características geográficas e sócio-históricas da cidade de forma bem geral e superficial, sendo os conteúdos poucos apreendidos pelos discentes, senão, logo esquecidos. Não é trabalhado o espaço geográfico, como afirma Santos (1996) como um sistema de objetos e de ações sociais, historicamente firmadas, isto é, sem levar em consideração as intervenções dos

homens socialmente organizados, “novas ou velhas, internas ou externa”, a exemplo do crescimento da população do bairro, as mudanças e seus respectivos motivos, a produção de lixo, a saúde, a economia, a cultura e demais ocorrências.

O planejamento proposto pela Secretaria Municipal de Educação - SEMED em conjunto com os professores no dia da formação que acontece bimestralmente, também não contempla nada relacionado ao conhecimento prévio do aluno ou que pudesse incentivar o professor na realização desta contextualização, mesmo contendo na Base Nacional Comum Curricular – BNCC este reconhecimento do seu local.

Considerando os objetivos propostos, a orientação metodológica consistiu em: (i) realizar a coleta de dados no ambiente “natural” de ocorrência (a escola); (ii) realizar a análise de dados segundo um viés indutivo, uma vez que de acordo com este método parte-se de uma premissa particular para uma geral e como a intervenção foi aplicada em apenas uma das 4 turmas de 6º ano, foi possível analisar as ações da intervenção e concluir a situação de forma geral para as demais turmas e ainda dedutivo para concluir a partir dos raciocínios realizados para deduzir as premissas iniciais em relação as dificuldades dos professores em contextualizar os conceitos e cotidiano dos alunos. A Escola José Pedro tem um quantitativo de 10 salas de aulas sendo que destas 4 são de 6º ano contendo cada uma média de 35 alunos o que soma um total de aproximadamente 140, possuindo em média 70% dos alunos com dificuldade de leitura e escrita e, em relação a professores formados na área de Geografia conta com 5 professores que estão divididos em Geografia e outras disciplinas, pois ainda tem os professores que não são da área e já trabalhavam com a disciplina a muito tempo. Se fosse dividir a carga horária da disciplina entre os professores formados, ficando apenas com Geografia, ainda sobraria professor formado na área lecionando outras como está acontecendo. (iii) dedicar um olhar cuidadoso durante o processo de organização e descrição dos dados e, só posteriormente, a interpretação destes (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010).

Ao interligar as três características apresentadas com a proposta aqui presente, compreende-se a sala de aula, enquanto espaço pedagógico por excelência, como o ambiente natural de ocorrência de todos os fenômenos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem a serem investigados.

Nessa perspectiva, tomou-se a prática pedagógica do professor como objeto de investigação; ao ser analisada a prática docente, bem como a abordagem dada ao conceito de espaço geográfico, concebeu-se a aula e a interação professor-aluno como dados reais, concretos que subsidiaram a construção de respostas aos questionamentos feitos para pesquisa. Ao estabelecer como uma das categorias de análise a investigação acerca das experiências locais na abordagem geográfica dos problemas socioespaciais, buscou-se compreender se as aulas de geografia tem favorecido a formação cidadã.

Esta pesquisa foi desenvolvida, conforme já explicitado, em sala de aula do sexto ano do ensino fundamental. Esta delimitação justificou-se pelo foco de abordagem do projeto, o espaço geográfico e suas subcategorias de análise, como território, paisagem e o lugar do vivido, conteúdo proposto para abordagem inicial neste ano da educação básica

Para realizar a análise de dados foi feita uma leitura integral dos propósitos. No que tange à teoria escolhida como suporte para a análise de dados, toma-se com referência básica, Santos (1979, 2002, 2009), além de outros autores. Nessa perspectiva, após coleta e seleção do corpus, foi realizado a análise de dados, e estabelecidos os seguintes procedimentos:

AÇÕES	Jun 2023	Jul 2023	Agos 2023	Set 2023	Out 2023	Nov 2023	Dez 2023	Jan 2024	Agos 2024
1. Organização dos dados bibliográficos coletados	x	X							
2. Leitura integral de todo o material selecionados para o corpo do trabalho	X	X	X	x	x				
3. Organização de ficha resumo.				x	x				
4. Análise dos dados à luz dos estudos já desenvolvidos sobre os saberes docentes em geografia;					x	x	X		
5. Criação de uma Sequência Didática com aulas de geografia como <i>produto</i> final deste trabalho.								x	X

6. Defesa do trabalho.										X
------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

É importante ressaltar que, no decorrer da análise, os procedimentos apresentados foram passíveis de mudanças e assim, puderam ser ampliados ou reduzidos a depender dos dados coletados e da forma em que se manifestam.

5 CONCEITUANDO GEOGRAFIA E ESPAÇO GEOGRÁFICO

Quantas vezes nos deparamos com alguns questionamentos que requerem algumas análises, como por exemplo, o que é Geografia? Uma pergunta aparentemente comum e com uma resposta inicialmente simples no que se trata a composição da palavra que é formada a partir da justaposição de *geo*, terra, e *grafos*, escrita ou a descrição, responderia assim perfeitamente à questão. Este conceito de recorrer à etimologia é o recurso mais simples de apresentação geral da Geografia, sobretudo para um público escolar ou quando dirigido a uma audiência menos familiarizada com a disciplina.

Mas nem sempre a etimologia ou a constituição da palavra é capaz de informar completamente sobre os seus usos e significados, isso porque muitas palavras viveram modificações tanto nos seus sentidos originais como, algumas vezes, no emprego corrente, pois como fala Freire (1987): o homem faz história, temporalizando os espaços geográficos, ou seja, em cada dinâmica da sociedade em processo e movimento contraditório, a mesma grama, imprime as mudanças socioespaciais e territoriais, eventos que cambiam a substância do espaço geográfico, mas não necessariamente o sentido etimológico original.

Reforçando o acima referido, destacamos que a Geografia se sedimenta, em especial no final do Século XIX e início do Século XX, quando, “cientificamente”, nos reportando a teorias, conceituações, ou seja, apreensões e conhecimentos sobre a dinâmica do mundo terreno. P. George (1993) ressalta, no seu livro, “O Homem na Terra: a Geografia em ação”, que essa área do conhecimento só existe e pode ser pensada, na medida em que o ser humano passou a se situar, ser situado e a atuar no planeta terrestre como um universo (uno e diverso) imerso no espaço sideral. Nesse sentido, os primeiros a buscarem uma unidade explicativa dos fenômenos sócio-espaciais, foram os “naturalistas”, pré-socráticos, ao advogarem a terra, o ar, a água e o fogo, como os elementos articuladores do homem construindo

uma Geografia em ação, no contexto de um “instante” do processo histórico. Posteriormente desponta Sócrates e põe o homem racional, capaz de entender a si e o seu entorno, significativo de viver, atuar e criar mundos. Doravante, filosofia e conhecimento científico vislumbram sempre compreender os fenômenos sócio-territoriais em novos “instantes” históricos e sistêmicos. Com o advento da Modernidade, do capital mercantil, industrial e, agora, informacional, os referidos fenômenos geográficos, como destacam Milton Santos (1996) e Paulo Freire (1987), criam novos “instantes”, na medida em que o homem faz história, temporalizando os espaços geográficos, grafando nos objetos “inteligentes” globalistas, suas intencionalidades perversas, de um espaço uno, mas fragmentado, alienante e alienado para a maior parcela da população.

Mas como situar as nuances pedagógicas/geográficas? P. George (1993) frisa “que séculos após séculos”, no alvorecer da modernidade, o relato de viagens tornou-se parte da realidade humana. Esses inquéritos geográficos centravam-se, em especial, na África por negociantes Europeus e informações militares de colonizadores. Os informes eram transmitidos pelas Sociedades de Geografia e, no final do Século XIX, surgiram as referidas entidades em Paris, Londres, Berlim, etc., enfim, nos grades impérios. Todavia, os territórios colonizados e explorados suscitaram o desenvolvimento de uma Geografia científica na cata de recursos e “a tribuna já não é das Sociedades de Geografia” que informavam um público “esclarecido”, mas, sim, as demandas emergentes de Universidades e os informes científicos são disseminados por revistas e através do ensino. Ainda ressalta o referido autor (1993), que a Geografia Didática nasceu na Europa Ocidental, no Século XIX, tendo como lastro as Histórias Nacionais dos impérios e “as definições precisas do espaço sobre o qual se projetava...a base permanece a da identificação do território nacional. Mas abertura para o exterior exige esclarecimento, por vezes globais”, locais e regionais, ressaltando a importância das cartografias temáticas, como instrumentos mediadores didáticos. Já a inclusão da Geografia no ensino secundária na Alemanha e França, no citado período, demandou “adaptações de conhecimentos por uma clientela escolar, como, manuais, artigos de enciclopédia, mapas, etc.

Essa Pedagogia Geográfica foi transposta para o Brasil, cobrindo diversos “instantes” espaciais de nossa História, sob a égide de diversas epistemologias geográficas (geografia descritiva/indutiva, geografia quantitativa, geografia crítica,

geografia humanista) ideologicamente manipuladoras. Deslindar como “essas geografias” são trabalhadas pedagogicamente por Professores e assimiladas, criticamente ou não, numa Escola do ensino Fundamental em uma cidade do interior do Estado do Maranhão, como frisado, é de fundamental importância. Afinal, o Homem do Século XXI domado pelas redes virtuais/informacionais necessitará, “previamente, uma sólida cultura geográfica”, já que as imagens são “uma empreitada para lá do horizonte” (GEORGE, 1993), isto é, uma cultura geográfica que envolva a paisagem, o território, a região e seus lugares.

O conceito de espaço geográfico é abordado em diversas obras das quais se podem citar Santos (1979, 2002, 2009), Moreira (1992), Cavalcanti (2005) Freire (1992 e 2013) e Corrêa (2003). Entre essas obras é consenso que o espaço geográfico é produzido social e historicamente e reproduzido através do trabalho e demais atividades do homem no seu dia a dia. Ao agir sobre o meio em que vive, o homem, produz cultura, modifica seus espaços de vivência, suas relações sociais, favorecendo a evolução histórica e, com ela, as modificações territoriais. Nessa perspectiva, o espaço geográfico pode ser “definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 2009, P.21).

Para Moreira (1992, p. 88), o espaço geográfico é a história em seu devir perpetuo, isto é, encontra-se em permanente processo de transformação, acompanhando e condicionando a evolução das sociedades. Assim. “o espaço é a sociedade pelo simples fato de que é a história dos homens produzindo e reproduzindo sua existência por intermédio do processo de trabalho”. Para este autor a relação espaço-tempo define todo o processo de mudança no meio, uma vez que esse tempo representa processualidade histórica e é exatamente isso que define as modificações no espaço geográfico. Portanto,

seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse existência no tempo histórico, (...) a sociedade evolui no tempo e no espaço. O espaço é o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. (...) Somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial (SANTOS, 1979, pp. 42-43).

Conforme a citação acima, o espaço é resultado do desenvolvimento das forças produtivas, das relações de produções e das necessidades de circulação e

distribuição local e global ao mesmo tempo. Há uma relação de unidade espaço-temporal. A organização do espaço pode ser definida como o resultado do equilíbrio entre os fatores de dispersão e de concentração em um dado momento da história do espaço. Cada transformação tem seu devido período da história, como mais uma vez afirma Santos:

o espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade. (...) a noção de espaço é assim inseparável da ideia de sistemas de tempo (SANTOS, 1985, p. 21-22).

Nessa perspectiva, trazendo o foco destes estudos para o contexto dos alunos em sala de aula, é perceptível que pode ser feito um trabalho de forma a trazer para as aulas sobre espaços geográficos, situações de conhecimentos da própria realidade dos alunos, o que tornariam as aulas mais significativas e produtivas, além de despertar consciências críticas, ensejando que possam ter suas próprias opiniões para defenderem seus direitos e conhecer seus deveres enquanto cidadãos.

É possível levar para a sala de aula as mudanças ocorridas no próprio bairro que, muitas vezes, passam despercebidas por todos que nele residem, mudanças estas que às vezes, por mais simples que pareça, faz todo um diferencial na vida do povo daquele espaço. É necessário fazer alguns questionamentos que possam direcionar o trabalho de modo que os alunos percebam que cada ser humano e objeto/forma têm um passado, presente e futuro, e utiliza o espaço no tempo de maneira diversa, visto que os eventos são sucessivos, porém existem ao mesmo tempo.

Considerando estes pontos, no que tange ao ensino de Geografia na Educação Básica são relevantes as proposições teórico-conceituais de Brabant (2001), Kaercher (2006), Oliveira (2001) e Vesentini (2007, 2006a, 2006b, 2001). Todos esses autores tratam da relevância do ensino de geografia de forma contextualizada. Entende-se que este encontrará condições mais favoráveis se acontecer com a resolução daqueles aspectos particulares, ou seja, agir local e a partir daí contribuir com o global, manter sempre a relação entre o particular e geral.

6 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A GEOGRAFIA

A Base Nacional Comum Curricular é o documento mais atual que norteia a educação em todo país e propõe ao longo da Educação Básica as aprendizagens essenciais que são colocadas como habilidades e são definidas como:

“[...] a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para desenvolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”. (BRASIL, 2017).

Tais habilidades devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais que são sugeridas inicialmente a todas as áreas de conhecimentos, de forma Inter – relacionadas e pertinentes, buscando sempre o desenvolvimento integral do aluno. Além destas competências gerais contamos com as competências específicas de Ciências Humanas e que abrangem dois componentes curriculares: Geografia e História. O primeiro componente contém cinco unidades temáticas e, destas, uma especificamente atende o interesse deste trabalho: a que trata inicialmente sobre “O sujeito e seu lugar no mundo”.

Com a BNCC, a Geografia é incorporada desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, uma mudança estrutural importante. Na nova abordagem proposta pelo documento, a ênfase recai sobre o pensamento espacial através de um “raciocínio” que englobe o espaço geográfico, socialmente mutante. Isto porque antes, o estudo do componente curricular era mais pautado na leitura, interpretação da paisagem e na capacidade do aluno mapear o quadro paisagístico. Porém se torna necessário também que a Geografia articule melhor os acontecimentos nos lugares vividos historicamente. Sendo assim, “se reforça a ideia da Geografia como um componente importante para entender o mundo, a vida e o cotidiano. Desenvolver nos estudantes o raciocínio geográfico, articulando alguns princípios, significa dotá-los de mais uma forma de perceber e analisar criticamente a realidade”, afirma a professora Sônia Castellar, da Universidade de São Paulo (USP).

Os dois conhecimentos, pensamento espacial e raciocínio geográfico perpassam as cinco unidades temáticas que estruturam o componente curricular. Raciocínio geográfico significa entender o mundo, a vida e o cotidiano; é uma ferramenta que pode lastrear sua cidadania de forma autônoma e crítica. Mas para que isto aconteça, os conceitos devem ser estudados de forma contextualizados com situações das vivências dos alunos. Por exemplo: ao observar fenômenos, seja um abalo sísmico, desmoronamento de terras causados pelo desmatamento, todos devem ser incentivados a ter curiosidade de entender por que aquilo aconteceu e pensar na questão da causalidade, da localização e das condições geográficas.

Um conhecimento só é pleno se for mobilizado em situações diferentes daquelas que serviram para lhe dar origem. Para que sejam transferíveis a novas situações e generalizadas, os conhecimentos devem ser descontextualizados, para serem novamente contextualizados em outras situações (BRASIL, 1997).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), é importante fazer esta contextualização como facilitadora de desafios futuros em qualquer situação que o aluno for exposto em relação ao conteúdo estudado. É necessário conhecer a realidade do aluno ou do município para realizar com maior eficácia. Esse conhecer a realidade do aluno pode acontecer nas próprias aulas nas rodas de conversas quando for questionado sobre determinadas situações. Na roda de conversa é possível saber o conhecimento prévio do aluno e a opinião dele sobre determinados assuntos, os colegas passam a conhecer a realidade do outro o que pode colaborar com o respeito e até admiração pelo seu próximo.

Para o 6º ano, propõe-se a retomada da identidade sociocultural, do reconhecimento dos lugares de vivência e da necessidade do estudo sobre os diferentes e desiguais usos dos espaços, para uma tomada de consciência sobre a escala de interferência humana no planeta. Aborda-se também o desenvolvimento de conceitos estruturantes do meio físico natural, destacadamente, as relações entre os fenômenos no decorrer dos tempos na natureza e as profundas alterações ocorridas no tempo social. Ambas são responsáveis pelas significativas transformações do meio e pela produção do espaço geográfico, fruto da ação humana sobre o planeta e seus elementos reguladores.

Trata-se, portanto, de compreender o conceito de natureza; as disputas por recursos e territórios que expressam conflitos entre os modos de vida das sociedades originárias e/ou tradicionais; e o avanço do capital, todos retratados na paisagem local e representados em diferentes linguagens, entre elas o mapa temático. O entendimento dos conceitos de paisagem e transformação é necessário para que os alunos compreendam o processo de evolução dos seres humanos nas diversas formas de ocupação espacial em diferentes épocas. Nesse sentido, espera-se que eles compreendam o papel de diferentes povos e civilizações na produção do

espaço e na transformação da interação sociedade/natureza. São cinco as unidades temáticas relacionadas:

1. Modificações das Paisagens: Compreender as mudanças nas paisagens ao longo do tempo e analisar como diferentes sociedades influenciam essas transformações.
2. Movimentos do Planeta e Clima: Descrever os movimentos do planeta Terra, sua relação com a circulação atmosférica e os padrões climáticos.
3. Ciclo da Água e Uso do Solo: Estudar o ciclo da água, comparando áreas urbanas e rurais, e entender diferentes formas de uso do solo e recursos hídricos.
4. Paisagens Transformadas pelo Trabalho Humano: Identificar características das paisagens modificadas pela agropecuária e industrialização.
5. Interação Humana com a Natureza: Analisar como as cidades surgiram e como as sociedades interagem com o meio ambiente.

Pode-se observar que dentro do que propõe a BNCC o trabalhar de forma contextualizada é sugerido em todas as temáticas, destacando assim a importância que é valorizar o cotidiano do aluno e além disso estimular a aprendizagem de conhecimentos que fará uso com frequência possibilitando as chances de se apropriar mais ainda dos saberes geográficos, o que vai requerer do professor um pouco mais de trabalho, da gestão escolar tempo para organizar nos planejamentos junto com o professor e as aulas serão mais prazerosas, dinâmicas e significativas.

A aprendizagem geográfica se torna significativa, quando o aluno percebe que tudo que está estudando do contexto espacial, torna-se algo intrínseco no processo do seu espaço de vida; é quando ele compreende quando e onde fazer o uso do aprendido; é conseguir se posicionar com autonomia e criticidade nas situações diversas do dia a dia, é pensar global e agir local buscando sempre o bem comum de sua comunidade.

Segundo Freire (1992), a educação deveria passar necessariamente pelo reconhecimento da identidade cultural do aluno, sendo o diálogo a base do seu método. O conteúdo deveria estar de acordo com a realidade cultural do educando e com a qualidade da educação, medida pelo potencial de transformar o mundo. Ao contextualizar os saberes dos alunos com o conteúdo e área de conhecimento que se propõe na sala de aula, temos maiores chances de despertar o censo crítico,

autonomia e possibilidade de agir de forma consciente no meio no qual está inserido. Na citação de Paulo Freire, podemos perceber a importância que é destacada em relação a valorização do conhecimento dos alunos bem como o seu lugar de vivência:

O que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que educandos, sejam crianças chegando à escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte. Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno do chamado outro mundo, sua religiosidade, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjuros. (FREIRE, 1992, p. 86)

Os alunos, independente da sua faixa etária, têm um vasto conhecimento em relação aos mais diversos segmentos da sua vida social, seja na própria família, escola, ou grupo religioso do qual fazem parte. Todos estes conhecimentos precisam ser potencializados e isso não significa que o conhecimento sistematizado deixará de ser trabalhado. O que precisa ser feito é organizar uma contextualização para tornar as aulas mais significativas e prazerosas. Usar exemplos do cotidiano é uma forma simples de trazer os conceitos dos conteúdos trabalhados para que haja uma maior compreensão e seja percebido a necessidade de aprendizagem destes conceitos.

Aprender com situações do cotidiano estimula os alunos a terem suas ações mais conscientes, ou seja, responsabilidades com os seus entes que, porventura, não possuam os mesmos conhecimentos, mas com potenciais de aprender com os comportamentos observados ou mesmo compartilhados.

Quando o aluno é considerado com a sua devida relevância, o mesmo “é um ser histórico que traz consigo e em si uma história e um conhecimento adquirido na própria vivência” (CALLAI, 2001, P.136), há maior envolvimento nas tarefas e aumentam as chances do mesmo sentir-se parte do processo de aprendizagem e despertar mais interesse no que está sendo estudado. Portanto, o ensino de geografia pode se tornar prazeroso, quando relacionamos as experiências concretas vividas pelo aluno no seu cotidiano, juntamente com o ensinado e compartilhado na sala de aula, criando um ambiente de vivências pedagógicas significativas, que contribuem para o desenvolvimento cognitivo e social.

Dessa forma, o ensino de Geografia cumpre, assim, sua verdadeira função, a de ir além do fornecimento de dados ou informações atuais, e passa a estabelecer

relações sobre informações do mundo cotidiano, conforme afirma Martins (2011). O aluno vai poder pensar global e agir local de maneira consciente e crítica, exercendo sua cidadania de forma autônoma e efetiva.

No que diz respeito a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que é o documento normativo que dá esse suporte no ensino, atualmente cita duas primeiras habilidades voltadas para as turmas do 6º ano que destacam a importância de se trabalhar a partir do cotidiano do aluno:

EF06GE01 -Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.

EF06GE02 – Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os seus povos originários.

Ao analisar na BNCC a primeira habilidade citada, é possível perceber que a mesma sugere a valorização do conhecimento prévio e mesmo os conhecimentos locais, que são de extrema valia à proposta desta pesquisa, pois, ao citar “comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência”, trata exatamente do estudo do espaço geográfico como propõe as atividades realizadas e colocadas na sequência didática direcionada aos professores das turmas de 6º ano. Isto porque comparar significa relacionar para perceber as semelhanças e disparidades existentes, indo muito além de perceber o que mudou, já que demanda a necessidade de compreender dos processos de mudança em “diferentes tempos”.

Tratando da segunda habilidade sugerida e retirada da BNCC, na qual se sobressai a necessidade de “analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedades, com destaque para os seus povos originários”, complementando a anterior, esta habilidade sugere um estudo “geo-antropológico”, ou seja, destacar como os marcos do passado, físicos ou culturais, signos/sinais e valores sensíveis se expressam e interagem no cotidiano do espaço vivido escolar.

É importante que o professor perceba a relevância de considerar o conhecimento do aluno e o reconhecer como um ser que possui uma história e uma cultura que precisam ser respeitadas e valorizadas no ambiente escolar. A escola é um espaço que deve favorecer e estimular ao aluno a apropriação de conhecimentos e a compreensão das mudanças que ocorreram e ocorrem ao longo

dos anos e que isso se dá de acordo com a sociedade na dinâmica do seu processo histórico.

Dessa forma, a aprendizagem significativa acontece quando o aluno percebe que é, ou deveria ser, incluso e parte do processo como ser ativo e autor da própria história, tendo como ponto de partida, a compreensão da sua existência imersa de cultura na sociedade, temporalizando e grafando seu legado na geografia do período histórico atual.

7 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO CAMPO DE PESQUISA

A Escola Municipal José Pedro está situada no bairro São Miguel, na periferia da cidade de Vargem Grande, no Estado do Maranhão, elevada a categoria de cidade em 29 de março de 1938 e está localizada a 175 km da capital do Maranhão, a cidade de São Luís. O município conta com uma população de 43.261 mil habitantes, sendo que a maioria não possui emprego formal, o que representa um ganho de meio salário-mínimo e em alguns casos até menos que isso; alguns sobrevivem com rendas de programas sociais e vivem em situação de vulnerabilidade, como no caso do povo do bairro que está a escola campo de pesquisa.

Em relação à educação, a cidade de Vargem Grande tem buscado soluções para minimizar o índice de analfabetismo e o número de crianças fora da escola, realizando as chamadas buscas ativas, nas quais as equipes de gestão das escolas dirigem-se aos bairros, efetuando matrículas de crianças “desvinculadas” nas residências visitadas.

Foram inúmeras as transformações ocorridas na cidade e que, por vezes, passam despercebidas pelos próprios moradores. Ou seja, não se dão conta que, com o passar dos anos, as demandas do urbano vão crescendo e que os habitantes, junto com as organizações do Estado e do mercado capitalista, agem no referido meio socialmente construído, do qual fazem parte para suprir as necessidades socioespaciais. Assim, são inúmeros os conteúdos que podem ser abordados em sala de aula e, a partir de então, conhecer a história de Vargem Grande na sua fase pretérita, suas “rugosidades”, bem como as mudanças na paisagem no período histórico atual, englobando as novas interações homem/meio.



Figura 1: Mapa com a localização geográfica de Vargem Grande em relação a capital do Estado.

A escola José Pedro da Silva foi inaugurada no dia 30 de março de 2013 e, desde então, passou a receber alunos de diversos bairros, por ser uma escola de uma estrutura física considerada boa, com 10 salas de aula bem amplas e capazes de comportar até 35 alunos confortavelmente em cada uma delas.

O bairro é conhecido no município com a pecha de perigoso e de que abriga muitos bandidos. Isso se dá por conta do perfil e características sociais existentes: alto índice de desemprego (70% dos adultos não possuem vínculo formal de emprego), baixo índice de escolaridade, famílias numerosas, conflitos familiares, alto índice de violência e uso de drogas; por ser conhecido desta forma, na escola se relega a importância das riquezas de conhecimento em relação ao espaço geográfico que possui.

Toda a cidade e, principalmente, o bairro em que a escola está localizada, passou por inúmeras mudanças desde a sua origem e, mais precisamente, nos últimos 15 anos. Toda essa mudança se deu por conta das demandas que passaram a existir, considerando o fluxo migratório de famílias rurais para Vargem Grande, em busca de melhorias em relação a trabalho e estudo para seus filhos. Neste contexto, aumenta a demanda por áreas periféricas e, conseqüentemente, todas as infraestruturas indispensáveis

Foi necessário ampliar a escola dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental já existente e ainda construir outra para atender alunos dos Anos Finais, que se deslocavam para o centro da cidade, onde, além da distância ser grande, passou a não comportar o número de alunos que foram surgindo. Foi construído também um posto de saúde, os comércios e lojas aumentaram, as ruas foram inovadas por

menosprezar o uso do livro didático, e sim tendo o mesmo como aliado, como apoio, e contextualizar com o que o aluno possui de potencialidade no seu próprio bairro.

O livro didático escolhido para fazer a contextualização foi Geografia (espaço e interação) dos autores Marcelo Moraes, Denise Pinesso e Angela Rama, editora FTD. Ressalte-se que esta coleção foi escolhida pela rede municipal de ensino do município de Vargem Grande para ser utilizado no quadriênio 2024 - 2027.

No que diz respeito aos professores que trabalham com a disciplina de Geografia, nas escolas dos Anos Finais do Ensino Fundamental, a partir de 2014, com a chegada PROFEBPAR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), titulou-se uma turma de segunda licenciatura em Geografia, turma que inclusive eu participei e, com isto, subimos o número de três para 35 professores formados em Geografia.

Mesmo com esse número de professores formados na área, o trabalho segue fragmentado, considerando os professores de carreira que já lecionavam disciplinas, incluindo a Geografia, todavia, incluindo matérias com outros componentes curriculares. Os mesmos passaram a “competir” com professores de Geografia formados em Geografia e lotados na mesma escola. Na escola, José Pedro, que foi o campo de pesquisa, existem todas as situações acima citadas.

Em relação aos planejamentos e formações, as mesmas acontecem bimestralmente, sob a organização da Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Na ocasião os professores organizam os conteúdos de acordo com as habilidades que propõe a Base Nacional Curricular Comum – BNCC, juntos ao que propõe o livro didático e em seguida buscam realizar o que está planejado. A metodologia fica a cargo de cada professor.

GEOGRAFIA		6º ANO
1º BIMESTRE		
HABILIDADES BNCC	OBJETOS DE CONHECIMENTO	PRINCIPAIS CONTEÚDOS ABORDADOS
<p>(EF06GE01) - Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.</p> <p>(EF06GE03) - Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos.</p> <p>(EF06GE06) - Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.</p> <p>(EF06GE08) - Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.</p>	<p>- Identidade sociocultural (EF06GE01).</p> <p>- Relações entre os componentes físico-naturais (EF06GE03).</p> <p>- Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras (EF06GE08).</p> <p>- Biodiversidade e ciclo hidrológico (EF06GE01).</p> <p>- Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras (EF06GE08).</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Por que estudar Geografia? ❖ Paisagem. ❖ Orientar-se no espaço geográfico. ❖ Localizar-se no espaço geográfico. ❖ Fuso horários. ❖ Mapas e espaço geográfico. ❖ Diferentes formas de representação do espaço terrestre. ❖ Cartografia moderna. ❖ Leitura e interpretação de mapas. ❖ Tipos de representação.

Figura 3: Modelo do planejamento da rede de ensino do município.

A sequência didática aqui apresentada, vai um pouco além de tudo isso (planejamento sugerido pela SEMED), pois, irá atender as habilidades propostas pelo documento que norteia a educação no Brasil, fará uso do livro didático e ainda contextualizará com o cotidiano dos alunos da Escola José Pedro da Silva, nas suas diversas situações relacionadas ao espaço geográfico. As atividades realizadas também podem ser adaptadas por outros professores de outras escolas com problemáticas parecidas ou mesmo diferentes da usada na sequência proposta.

Com o uso da sequência didática, visando o apoio no planejamento das suas aulas, o professor, sem dúvidas, abrirá um horizonte de ideias que complementarão as que irão aqui neste instrumento. O objetivo é exatamente esse, perceber que pode ser trabalhado o que é conhecimento do aluno, mesmo que seja um conhecimento empírico, já que poderá ser sistematizado com os conceitos geográficos e fazer uso de forma autônoma e consciente.

Vale destacar que no município de Vargem Grande no planejamento e mapeamento do ensino, as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática são privilegiadas, ou seja, é dedicada uma importância maior para estas duas áreas de conhecimento, enquanto as demais áreas são carentes; no caso da Geografia, que contribui grandemente para a compreensão e reconhecimento do homem como parte do meio social e ambiente, suas dinâmicas, interações e contradições, fica à margem, mesmo instrumentalizando tanto a língua escrita e falada, quanto a matemática.

O livro didático está organizado na sua primeira unidade e, mais especificamente no capítulo 1, tratando sobre compreender o espaço geográfico. A partir daí trás inicialmente a importância de se estudar a Geografia, paisagem, tipos de paisagem e análise de algumas paisagens que sofreram mudanças, como se orientar no espaço e ainda como localizar-se. Assim, foi realizado da seguinte maneira os recortes selecionados do que estava para ser trabalhado:

No primeiro momento foi feita uma leitura e depois a escrita do poema sobre Geografia e em seguida fizemos uma análise detalhada para compreender o que realmente é a Geografia e o que a mesma estuda para que ficasse claro que não estudamos apenas aquilo que é de longe ou fora da nossa realidade, como vemos nos livros didáticos, que trazem uma visão do geral que precisa ser contextualizado com o local. A Geografia é tudo que nos rodeia, como cita o poema escrito por professores indígenas:

Geografia o que é:

[...]

Geografia é o entendimento da aldeia e do mundo.

Do nosso mundo e do mundo do branco.

É a cidade, o Brasil e os outros países.

É a história do mundo.

O mundo é a terra, a terra é a aldeia.

O rio que cai num outro rio.

Que cai num outro rio.

Que cai no mar.

Geografia é depois do mar.

MACIEL, Ira et al. (org.). Te mandei um passarinho...:prosas e versos de índios no Brasil. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007. p. 50. Escrito por professores indígenas do Acre.

Ao iniciar a análise o poema foi fácil perceber o real conceito de Geografia no que diz respeito ao conhecimento local e global, bem como esclarecer que em todos os lugares podemos vê-la, e nada melhor do que iniciar com este conceito para os alunos que demonstraram desconhecer o mínimo relacionado à área de conhecimento de tão grande relevância que é a geografia.

Todavia, ao citar detalhadamente que geografia é a aldeia e é o mundo, transmitindo que tudo ao nosso redor é geografia, que se faz presente em todos os

detalhes de acordo com as mudanças no tempo e espaço, os alunos, inicialmente, estavam sem conseguir compreender o que estava sendo dito. Por exemplo, a palavra aldeia estava indicando o mundo em que vivemos, o nosso lugar e, mas quando eu indagava sobre que aldeia, os discentes infelizmente não responderam. Então eu perguntei o que era uma aldeia e como será que viviam as pessoas que moravam na aldeia e, a partir daí, foi-se iniciando a compreensão do poema, seguramente devido as suas origens e o seu cotidiano vivido

Na Escola José Pedro da Silva tem um número bem significativo de alunos que não dominam a leitura, a escrita e interpretação. Isso também dificulta o desenvolvimento do trabalho nas turmas de 6º ano, e assim, foi possível perceber, nesta pesquisa, que muitos professores preferem apenas escrever o conteúdo da aula na lousa, para serem transcritas no caderno do aluno, do que fomentar uma mais profícua reflexão do seu cotidiano.

Organizar e trabalhar uma aula em que os alunos possam participar ou mesmo compreender o que se trabalha é necessário o planejamento que a Secretaria Municipal de Educação oferece por meio das formações bimestrais, aponta as diretrizes a serem seguidas, ficando a cargo de cada professor a metodologia de suas aulas. Se houvesse um acompanhamento pedagógico, como acontecem nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, provavelmente daria para se notar uma preocupação maior.

No município de Vargem Grande existe um decreto criado pelo prefeito, no qual é dada uma premiação para os professores dos anos iniciais, que conseguirem alcançar as metas projetadas para aquela turma. É realizada, também, uma avaliação diagnóstica que terá a pontuação como ponto de partida e, da segunda prova em diante, as turmas devem pontuar mediante o que diz o decreto, sendo que só são avaliadas as áreas de conhecimento de Língua Portuguesa e Matemática.

Os professores participam do planejamento mensal, onde é organizado todas as rotinas semanais, com conteúdos voltados para vivências que são as contextualizações com o cotidiano dos alunos, além disso, existe um acompanhamento pedagógico tanto pela gestão da escola como também da equipe técnica da secretaria municipal de educação. O projeto dota-se de bons propósitos, mas não contempla todas as áreas do conhecimento e nem uma metodologia. A preocupação agora passou a ser apenas treinar os alunos para fazerem a prova e atingir a meta proposta, sem problemas por conta disso se os demais componentes

curriculares fossem considerados. Nos anos finais a mesma premiação ocorre para professores de Língua Portuguesa e Matemática e os demais colegas ficam insatisfeitos por não participarem e já consideram um gatilho para não desenvolver um trabalho com maior excelência. Os índices de provas de escala nacional mostram que o município tem evoluído na educação, todavia, faz-se necessário contemplar a Geografia e não somente Língua Portuguesa e Matemática.

No segundo momento realizamos a análise do poema bem como sua estrutura em relação ao gênero textual, significado das palavras, a compreensão do sentido das colocações do autor, das comparações em seguida solicitei a escrita no caderno dos alunos:

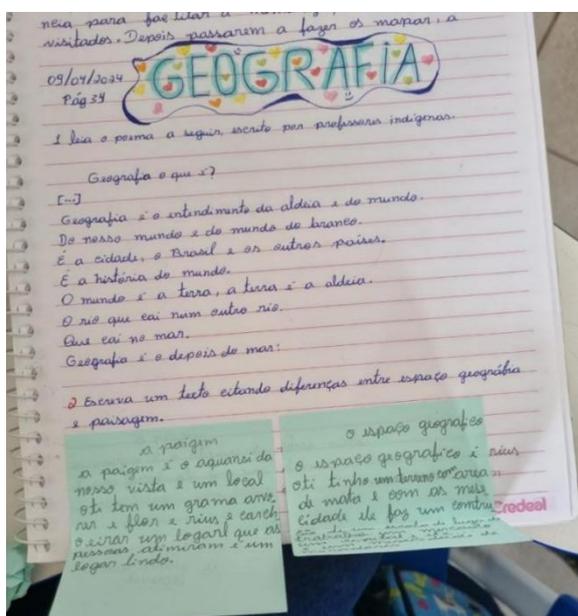


Figura4: Escrita do poema “A geografia” no caderno de um alunos 6° ano

Em seguida fizemos uma roda de conversa para saber o que os alunos entendem por paisagem. E, cada aluno escreveu num pedaço de papel o que definia como paisagem e colamos o pedaço de papel para formar um “mosaico do conhecimento” como forma de saber os conhecimentos prévios dos alunos, ou seja, o que sabiam sobre paisagem. Verifique a figura abaixo:

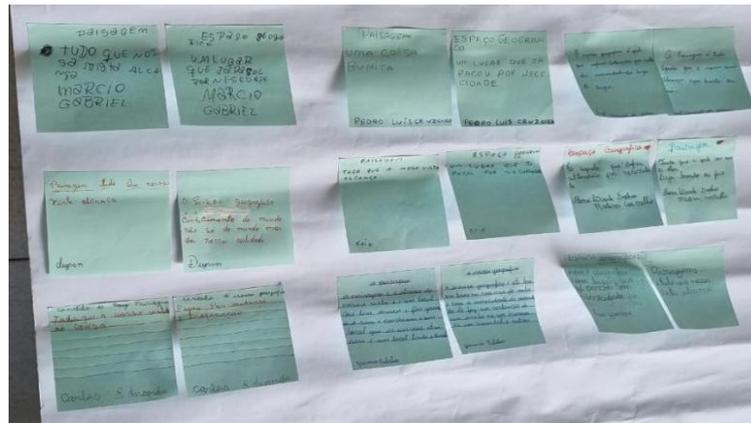


Figura 5: Mosaico do conhecimento com as respostas dos alunos em relação ao conhecimento prévio sobre paisagem nos portites.

Foi possível detectar que a maioria dos alunos, de uma turma de 35, não sabiam o que colocar no papel sobre paisagem. Alguns arriscaram colocar que “é uma imagem bonita de um lugar bonito”, enquanto outros foram bem honestos em dizer que não sabiam o que colocar ou não sabiam como colocar. Solicitei que parassem o que estavam fazendo e olhassem comigo, pela janela da sala, perguntando o que avistavam e aguardei que falassem (o que falaram?) para dizer que tudo isso é paisagem.

Continuando, convidei os alunos a se deslocarem até a frente da escola, onde observamos todo seu entorno, chamando a atenção para que analisassem o máximo possível todo o entorno como, por exemplo, as residências, os comércios, o posto de saúde, a quadra, a capela, etc.. Vale dizer que antes de sairmos da sala conversei com os alunos explicando o que íamos fazer e alguns cuidados que precisaríamos ter e pedi ajuda da gestão para acompanhar nesta atividade, buscando garantir maior segurança e um melhor desempenho de todos no que foi proposto. Na imagem a seguir pode-se verificar:



Figura 6: alunos em frente a escola fazendo a observação do espaço e comentando sobre as mudanças que presenciaram

Mais uma vez eu disse que paisagem é tudo que podemos ver; tudo que a nossa vista alcança e que é o mesmo conceito citado no livro didático e não necessariamente precisaria ser um lugar bonito como foi citado na roda de conversa. E, ao retornar para a sala fui questionando mais uma vez sobre o que foi possível observar, quando estávamos à frente da escola, então tudo aquilo é paisagem e segui indagando se sabiam se aquele espaço sempre foi daquele jeito ou se tinha passado por alguma mudança.

Os alunos citaram o que é de conhecimento deles, ou seja, que mudou recentemente como umas barracas de vendas de carnes, peixes, verduras e cuscuz, etc. e até algumas reformas em lojas e casas de comércio, perto do posto de saúde, que também passou por pinturas. E, ao perguntar se sabiam o motivo da mudança, não souberam o que dizer. Diante das respostas em relação ao que mudou, fui explicando o motivo das mudanças como, por exemplo, as pessoas que migram do campo para a cidade, fazendo aumentar o numero de pessoas no bairro e demanda de serviço. Assim, na medida que as necessidades vão surgindo, os ajustes vão acompanhando para supri-las.

Depois de esclarecer que tudo que percebemos no espaço em determinado momento, tudo o que a nossa vista alcança pode ser chamado de paisagem e, que as mesmas sofrem alterações de acordo com o tempo e espaço, solicitei que fizessem um desenho da paisagem que mais chamou sua atenção de cada um, como uma atividade de fixação sobre o conceito estudado. Neste momento, por se tratar de uma atividade para desenho, foi possível perceber um bom envolvimento e agora com o conhecimento e clareza do que seria paisagem.

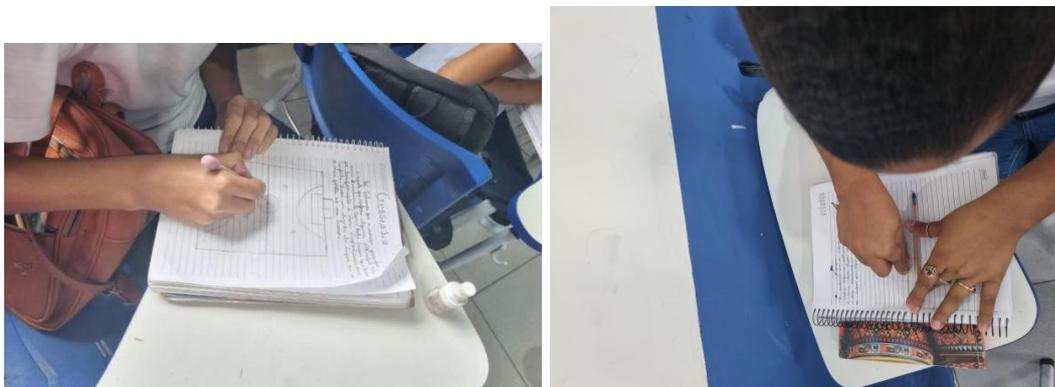


Figura 07 e 08: Atividade desenho de algo que chamou a atenção do aluno na saída para frente da escola.

Quando o desenho foi concluído, fizemos a socialização com os colegas, bem como a apreciação dos trabalhos, observando os detalhes que foram colocados,

pois, cada um tinha um olhar diferenciado, inclusive alguns colocaram riquezas de detalhes e outros nem tanto. Chamei a atenção para dizer que a correria do dia a dia, ou mesmo por distração, algumas vezes não nos permite perceber as mudanças ocorridas no nosso entorno, todavia todas elas são importantes e por algum motivo específico aconteceram.

Falando nas mudanças ocorridas no Espaço Geográfico, através das intervenções do homem para suprir as suas necessidades, de acordo com o tempo e espaço, apresentei o **google maps street view**, que é um aplicativo onde temos acesso a imagens dos mais diversos locais, em outras datas, conforme solicitamos. Logo em seguida mostrei fotos da escola em 2012, quando ainda estava em fase de construção. Assim, com o aplicativo passeamos pelas ruas ao redor da escola e fomos observando as transformações. Seguimos as análises sobre as diferenças que ficaram no espaço em que foi construída e nas residências que foram reformadas e ampliadas, nos comércios que passaram a existir, bem como as lojas, enfim as mudanças que aconteceram no e com o espaço.

Em seguida, formamos uma roda de conversa para debatermos que o espaço geográfico é toda essa mudança ocorrida no meio ambiente pelo próprio homem, que busca atender as suas necessidades. Tanto de suas famílias, como da comunidade em geral. Elaborei algumas perguntas para os alunos e outras para seus pais ou responsáveis, instrumentalizando o referido aplicativo, sobre as mudanças no bairro, nos últimos 10 anos, bem como o porquê de tais transformações. Com o uso do aplicativo na sala de aula com o notebook e projetor de imagem, os alunos ficaram entusiasmados com os recortes de paisagens “antigas e novas”. Já com os pais e responsáveis, muitos responderam escrevendo sobre os eventos pretéritos e atuais; outros apenas oralmente. Muitos pais não conheciam as mudanças ocorridas por terem chegado recentemente no bairro, ou por conta de uma invasão que aconteceu num conjunto habitacional que ainda não estava com os serviços concluídos..

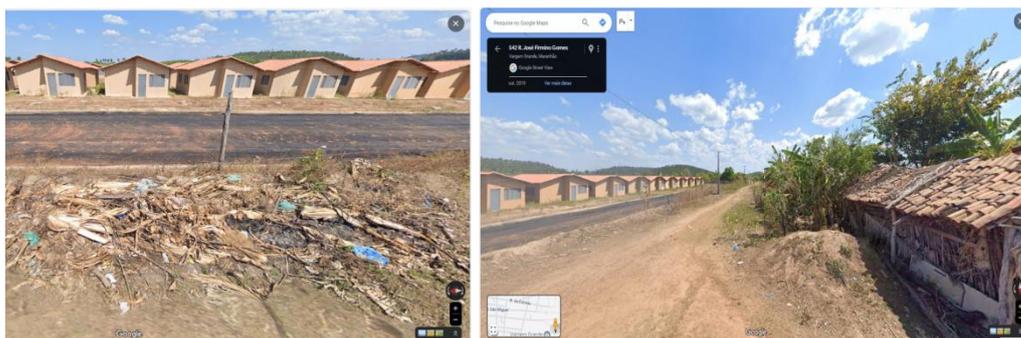


Figura 09 e 10: Registros do Residencial São Miguel, área que tem sofrido grande mudança.

Iniciamos uma roda de conversa sobre os tipos de paisagens e utilizamos exemplos da própria pesquisa que fizeram com seus pais. Assim todas as áreas que sofreram intervenção humana são paisagens artificiais e aquelas que se mantêm preservada ou sem intervenção humana chamamos de paisagem natural. Apresentei uma imagem retirada da internet por meio do aplicativo **google maps**, por meio da qual foi possível ver a área preservada e a extensão do bairro São Miguel. Além desta imagem. Levei outras em forma de cartaz, do residencial antes e agora, da escola antes e agora, das ruas antes e agora, os comércios, enfim organizei os cartazes lado a lado para que fosse possível perceber as mudanças e o motivo delas terem acontecido.

Os alunos por fila se levantaram e foram até os cartazes, fizeram apreciações e com muito entusiasmo foram analisando as diferenças, como se faz num jogo de sete erros, no qual tentavam localizar o máximo de diferença possível. Os meninos se empolgaram bastante e, em seguida, fomos para a escrita e desenho do que foi observado das principais mudanças. Perguntei se tinha alguma paisagem natural que fosse possível perceber nas imagens e solicitei para descrever no caderno as mudanças no espaço que foram possíveis perceber. Inúmeras respostas apareceram, desde a pavimentação asfáltica bem como os buracos existentes nas ruas, as novas residências, as novas lojas, as reformas nas casa, na capela, a quantidade de lixo em alguns pontos das rua, o posto de saúde que foi construído e até mesmo a própria escola que foi construída e já passou por reforma e atualmente está passando por outra.



Figura 11 e 12: Alunos analisando as diferenças ocorridas na escola e no posto de saúde do bairro.

É possível ver nas imagens acima, os alunos, na a sequência de atividades, olhando atentamente as imagens e seus detalhes, com visões mais acuradas, e comentando o que havia melhorado ou piorado no recorte do seu bairro. Houve, digamos, uma compreensão do que é o Espaço Geográfico e que as mudanças ocorreram e sempre ocorrerão, de acordo com o povo e suas necessidades em cada época, uma vez que o espaço tem se transformado, com mais velocidade, no que toca a tecnologias e espaços vividos. Assim, os mesmos precisam compreender essa evolução e sentir parte neste processo.

Nas imagens a seguir, temos algumas respostas dos alunos que escreveram e outros desenharam. Aqueles que conseguiram expressar oralmente, mas não sabiam escrever, solicitei que fizessem o desenho para que todos pudessem se envolver na atividade e eu pudesse avaliar se a compreensão havia acontecido. Veja:

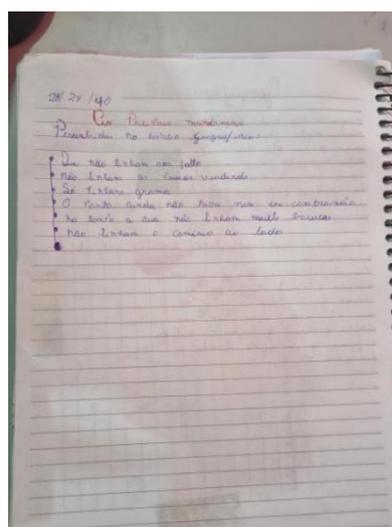
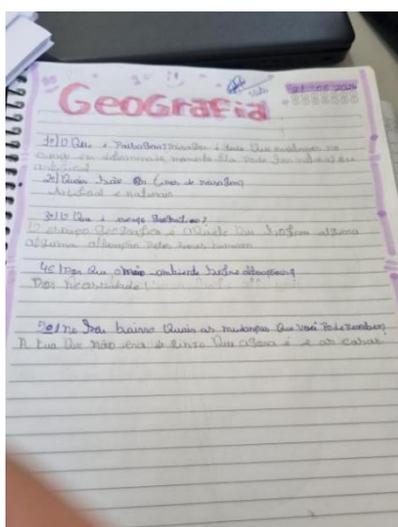


Figura 13 e 14: Respostas escritas pelos alunos em relação ao conceito de espaço geográfico.

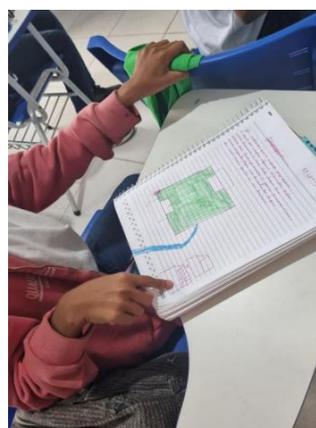
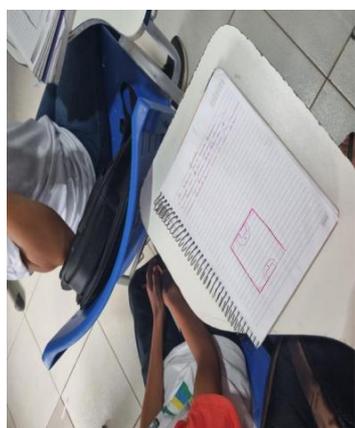


Figura 15 e 16: Respostas desenhadas pelos alunos que não sabiam escrever.

Depois de termos feito toda a exploração com as informações do bairro, da escola que fazemos parte, analisamos no livro didático as imagens de outros lugares que retratam também alterações sofridas no decorrer dos tempos, a exemplo do mercado de Porto Alegre, no qual se evidenciam mudanças espaço/temporais nos meios de transportes, nas construções do entorno, no uso do espaço em frente ao mercado e em sua fachada. Depois da compreensão que os alunos tiveram do seu bairro em relação ao conteúdo estudado, eles tiveram facilidades de compreender e fazer as devidas comparações sugeridas no livro. E, como nos diz o poema citado no início da aula, a Geografia é também a aldeia, seu locus de vida e, portanto, é necessária essa compreensão do meio do qual fazemos parte.

Quando distribuí os papéis para os alunos repetirem a atividade iniciais, em que foi solicitado para escreverem o que é paisagem e agora acrescentei o que é espaço geográfico, os alunos que dominam a escrita já conseguiram demonstrar a compreensão e até ajudar aqueles que não sabem escrever, mas, conseguiam oralizar os dois conceitos. Foi muito bom perceber essa preocupação e cuidado para com os colegas que já desenvolveram afetividade no momento em que viam suas residências na aula que tivemos nos projetos ou mesmo nos cartazes. Algumas imagens da atividade:

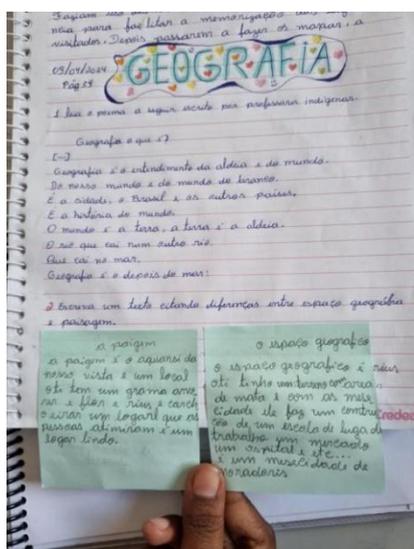


Figura 17: Conceitos geográficos após as aulas



Figura 18: Aluno ajudando o colega que estava com dificuldade

Encerramos esta etapa da sequência de atividade e seguimos para a posterior, que iniciava-se com o questionamento sobre o sentido da palavra lugar, que é o assunto do capítulo 2 (Lugar e Espaço Vivido). Os alunos ficaram se olhando como

se estivessem um esperando pela resposta do outro. Ninguém quis arriscar, então eu disse que para a geografia existem diversos significados de lugar e que um deles é cada espaço em que a pessoa vive e com o qual cria diferentes laços afetivos. Falei por exemplo, da própria residência deles, da escola, da quadra, que sempre aparecem para jogar, ou assistir jogo, da igreja, parque de vaquejada, enfim são os lugares que possuímos laços afetivos, temos apêgo e disse que esse conjunto de lugares onde cada indivíduo mora e frequenta chamamos de espaço vivido.

Seguimos a atividade e, perguntei aos alunos sobre quais lugares mais gostam de estar e por qual motivo tanto gostam. Eles foram falando que era na quadra, outros falaram em casa, casa da vovó, escola, igreja e foram falando e dizendo o motivo pelo qual gostavam dos lugares citados. Em seguida solicitei que eles produzisse um texto escrito e/ou ilustrativo com as lembranças boas do seu lugar escolhido, dentre os que foram citados, justificando a sua escolha.

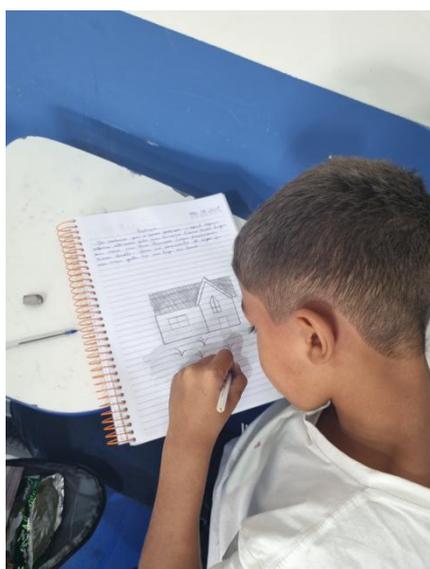


Figura 19: Representação do lugar preferido



Figura 20: Representação do lugar preferido

Alguns desenharam a quadra da escola, outros a própria escola, a praça, suas residências ou de algum parente, outros desenharam igrejas que fazem parte. Foram respondendo oralmente seus motivos e alguns que colocaram escola, igreja e casa de parentes, foram respondendo que escolhera por ser um lugar que se sente bem; uma aluna, respondeu que se sentia bem e protegida na escola. Talvez por carregar algum trauma agressivo.

É preciso destacar que o público da Escola José Pedro e, não apenas os alunos do 6º ano, mas, de forma geral, do 6º ao 9º ano, na maioria não moram com seus pais e, sim, com avós ou algum outro parente; são alunos desacreditados de suas capacidades e potencialidades, passam necessidades em relação a situação econômica, social e afetiva. Ao citarem escola, igreja ou casas de parentes como lugares mais “agradáveis” e possuindo vínculos afetivos, permite-nos afirmar que são lugares mais atraentes, de idas e vindas constantes, e não repulsivos; espaços de acolhida.

Perguntei também por que os mesmos participavam bastante de rituais católicos (missas), religiosidade bastante forte no município e também no bairro, que festeja São Miguel, com novenas, procissões, missas e leilões. Alguns alunos falaram que participavam por que desde pequeno frequentavam (imaginário social). Expliquei, então, que os espaços, ou seja, os lugares que frequentamos são influenciados pela natureza e pela cultura de cada grupo humano. Continuei dizendo que cultura se trata do conjunto de valores, crenças, conhecimentos e costumes que caracterizam grupos humanos com diferentes visões de mundo.

Muitas pessoas no município, embora não saibam, o bairro São Miguel é um quilombo urbano. Foi o segundo quilombo urbano reconhecido no Maranhão e possui uma história de lutas que, tendo como marco, um grupo de mulheres que organizaram na busca de apoio e suporte às mulheres marginalizadas. Inicialmente com a criação de uma creche na residência de uma das componentes e, posteriormente outras demandas às autoridades, visando políticas públicas para o bairro. Assim, os alunos precisa conhecer a história do seu lugar e tomar posse desse sentimento de pertencimento capaz de transformar o seu espaço e, de forma crítica e consciente como um cidadão ativo.

É possível perceber as habilidades socioemocionais citadas na Base Nacional Curricular Comum - BNCC, são desenvolvidas quando passam a construir seus conceitos e colaborar diretamente com os colegas com dificuldade na escrita ou na leitura, quando com muito carinho, dedicação e capricho desenha o seu lugar que gosta de está e cita o motivo da escolha. Na verdade, passa-se a conhecer um pouco do outro o que proporciona maiores possibilidades de respeito e até mesmo compreender determinadas situações e comportamentos. Saber que o lugar está relacionado com afetividade, lembranças e faz ou fez parte da vida de cada um. É perceber que as pessoas que saem em busca de trabalho em outros Estados saem

planejando seu retorno porque vai sair por conta da necessidade, mas, o pensamento é melhorar e voltar logo, logo. Isso acontece com muitos jovens do bairro São Miguel que vão para outros lugares em busca de trabalho e assim que possível retornam para sua terra natal.

Este trabalho investigou exatamente isso, a prática do professor de geografia, ao trabalhar com o conceito de espaço geográfico em suas aulas e, foi possível constatar, por meio das observações realizadas nas aulas, que ficar preso apenas ao livro didático ainda é uma prática muito presente e nem é problema o livro didático, a ausência de exemplos mais concretos como forma de facilitar a compreensão do aluno faz muita falta. Os alunos estão passando pela transição dos anos iniciais para os anos finais, migram de uma etapa em que é trabalhado com ludicidade e exemplos concretos e do cotidiano mesmo sendo apenas nos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática para outra que pode dar continuidade por se tratar de algo que pode ser realizado independente do ano de escolaridade ou faixa etária.

Em resposta às questões exploratórias foi verificado que não há essa preocupação com a contextualização dos conteúdos, os professores trabalham com questões de pesquisas no livro didático, o que torna uma atividade que exclui muitos alunos por não saberem ler e não terem como realizar a pesquisa, ou escrita do quadro para ser transcrito para o caderno, de acordo com a sequência dos conteúdos elencados no planejamento bimestral, que é realizado pela Secretaria Municipal de Educação - SEMED com um professor formador que é da área de Geografia e pelos demais professores que lecionam o componente curricular de todas as escolas da rede municipal.

Em relação as maiores dificuldades relatadas por eles e observada na formação que eu participei e nas próprias aulas observadas, foi a iniciativa para fazer, pois sabe-se que para organizar uma metodologia, para que suas aulas sejam mais dinâmicas e significativa, requer um tempo maior para planejar minuciosamente e não apenas seguir o roteiro e ficar por isso mesmo. Muitos professores trabalham os dois ou até os três turnos e não disponibilizam de tempo para isso, mesmo o município tendo um dia de planejamento que é conhecido como o dia de folga e eles se negam ocupar seu dia com suas tarefas. Outra situação que ficou bem nítida foi o não saber como fazer essa contextualização, não saber o que propor ou sugerir para os alunos diante dos assuntos trabalhados.

Sabe-se que é normal ter dificuldades, mas é preciso sair da comodidade e ir em busca de estudos, formações contínuas ou até pesquisas na internet que possam auxiliar as práticas docentes, sair da zona de conforto para de fato garantir o direito dos alunos de aprender e não ficar passando de um ano para o outro com, raiva da disciplina por não entender nada relacionado e nem saber para que serve a mesma. Faz-se necessário cada docente sentir essa necessidade, este desejo de aprender mais, se aperfeiçoando para aperfeiçoar sempre a prática pedagógica.

Os alunos estão expostos a diversas informações a todo tempo, por diferentes meios de comunicação e informação, notícias locais e globais que precisam ser consideradas no ambiente escolar. Infelizmente a rede municipal de ensino só valoriza as informações do município no período do aniversário da cidade, que acontece no dia 29 de março e, na ocasião é trabalhado um mine projeto durante uma semana na escola, onde cada turma pesquisa sobre uma temática que pode ser religiosidade, economia, cultura entre outras que são sugeridas, e no dia marcado é feita a socialização ou seja, apresentação para os demais alunos sobre o que foi pesquisado. É muito superficial e, além de tudo, não proporciona o estudo específico do bairro com seus avanços e um lugar que é rico em conhecimento e pode desenvolver diversas potencialidades nos alunos enquanto cidadãos e sem contar o sentimento de pertencimentos, de orgulho mesmo do seu lugar.

O componente curricular de Geografia precisa ser trabalhado respeitando todas estas informações do cotidiano a cada aula, buscar envolver o máximo possível os alunos com seus saberes prévios nsas tarefas de sala de aula, como uma forma de compreender o conteúdo e tudo que acontece ao nosso redor e no mundo para saber posicionar-se de maneira autônoma e consciente nas variadas situações e desafios do cotidiano.

Destarte, a Geografia contribui coma garantia do direito de aprendizagem dos alunos e ainda a formação cidadã, capazes de reproduzir para suas famílias o que a escola ensina e que vai muito além de simplesmente decorar os nomes de Estados e capitais, ou qualquer outra informação, pois, a Geografia é, como frisamos, uma aldeia, hoje, tanto local quanto global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa foi possível perceber a importância do Espaço Geográfico como um conteúdo de grande relevância no componente curricular Geografia, pois, ao compreender este conceito o aluno terá uma maior tranquilidade para seguir aprendendo os demais assuntos. E, não somente ter acesso ao conteúdo, mas tê-lo de forma contextualizada para que a aprendizagem tenha um significado e o aluno possa colocar em prática o que aprendeu ou saiba quando fazer uso.

Os professores possuem dificuldades em relação ao planejar e executar contextualizando, isso por conta de ausência de tempo e disposição para organizar suas práticas de maneira mais eficaz e além de tudo se a Geografia recebesse um pouquinho de atenção no município teria um acompanhamento e apoio pedagógico para estes professores se todos fossem envolvidos facilitaria o processo. As turmas com uma grande quantidade de alunos, que não dominam a leitura e escrita também contribui para a dificuldade do professor, visto que são apenas 45 minutos o horário e apenas duas vezes na semana e não se consegue concluir o assunto dentro do tempo previsto, por conta da dificuldade dos alunos.

Destarte, essa sequência didática é de grande valia para os professores de Geografia da Escola José Pedro e, quem sabe, das demais escolas da rede municipal, depois de adaptada, uma vez que os mesmos têm muitas dificuldades com relação à organização de atividades que envolvam a participação dos alunos e principalmente contextualizando com o cotidiano.

São muitos os desafios e, nós enquanto professores, não podemos desanimar diante deles e tornar o cotidiano do aluno um campo de pesquisa para eles, incentivar a valorizar sua culturas e crescer em conhecimento e, como cidadão, que seja capaz de intervir positivamente pensando global e agindo local, é algo que podemos fazer. É claro que existem coisas que fogem do nosso controle, mas existem aquelas que são possíveis realizar, porque a educação ainda é a arma mais eficiente que podemos contar para mudança da sociedade.

REFERENCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. A longa duração. In: **Escritos sobre a história**. Trad. Jacó Guinsburg e Tereza da Mota. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRABANT, J-M. Crise da Geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, A. U. de (org.) **Para onde vai o ensino da geografia?** 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da geografia: o professor**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

CAVALCANTI, L. S.A **Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas – SP: Papirus, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 15-47.

FARIA, M. O. de. **Em busca de uma epistemologia de Geografia escolar: A ransposição didática**. Tese, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido** 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 2013.

GEORGE, P. **O Homem na Terra. A Geografia em Ação**. Lisboa : Edições 70, 1993.

KAERCHER, N. A. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, N. C. **Geografia em perspectiva**. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

MACIEL, Ira et al. (org.). **Te mandei um passarinho...: prosas e versos de índios no Brasil**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007. p. 50. Escrito por professores indígenas do Acre.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MOREIRA, I. V. D. **Vocabulário Básico do Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Feema\Petrobrás, 1992.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, A. U. de. Situação e tendências da geografia. In: OLIVEIRA, A. U. de (org.) **Para onde vai o ensino da geografia?** 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Sueli Santos da. **Milton Santos: concepções de Geografia, Espaço e Território**. Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2009.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 77-116.

VESENTINI, J. W. Realidades e perspectivas no ensino de geografia no Brasil. In: VESENTINI, J. W. (org.). **O ensino de geografia no século XXI**. 3. ed. Campinas/SP: Papirus, 2007.

_____. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS A. F. A. **A geografia na sala de aula**. 8. ed. – São Paulo: Contexto, 2006a.

_____. A formação do professor de geografia: algumas reflexões. PONTUSCHKA, N. N; OLIVEIRA, A. U. de (org.). **Geografia em perspectiva**. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2006b.

_____. Geografia crítica e ensino. In: OLIVEIRA, A. U. de (org.) **Para onde vai o ensino da geografia?** 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2001.